

E O CANSAÇO CONTINUA...

Uma resenha de A Sociedade do Cansaço de Byung-Chul Han

RESENHA: HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**, 2.ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2021. 128 pp.

Gladson Cunha*

Priscila Macedo da Cunha**

Entender o momento e as condições diversas que compõe contexto em que se está inserido é uma das funções do fazer filosófico. É evidente que esse esforço por tal entendimento das coisas tem suas dificuldades. Também as complexidades do que está envolvido a análise conjectural dessa determinada realidade poderia gerar calhamaços volumosos para a demonstração e reflexão do analisado. Isso posto, parece que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han contraria todos esses conceitos outrora elencados.

Nascido em Seul, capital da Coreia do Sul, no ano 1959, Han recentemente tem ganhado os holofotes e a atenção dos leitores dos mais diversos segmentos. Com textos que conciliam profundidade e rigor com uma simplicidade e sinteticidade em sua escrita, Han tem apresentado uma percepção intrigante e, ao mesmo tempo, perturbadora do atual estado de coisas que te definido a sociedade ocidental.

Na Alemanha, Han estudou filosofia, literatura alemã e Teologia católica em universidades de Freiburg e Munique. Doutorou-se com uma tese sobre a disposição (*Befindlichkeit*) e o humor (*Stimmung*) em Martin Heidegger, que se transformou em seu primeiro livro publicado sob o título de *Heideggers Herz* (O coração de Heidegger), em 1996. Tratou de temas como a morte, poder e cultural. Em 2010, Han publicou a obra *Sociedade do Cansaço*, o que parece representar um divisor de águas na sua produção e obra sobre a qual trataremos de resenhar.

Embora, *Sociedade do Cansaço* tenha sido publicado há mais de 10 anos, a obra recebeu um anexo e que ensejou uma nova edição brasileira. Dividido em sete capítulos mais o anexo, Han apresenta a sua leitura daquilo que ele chama de *sociedade do desempenho*, que é a mesma coisa de sociedade pós-moderna (p.27), ao mesmo tempo, demonstra que essa sociedade é uma sociedade doente e adoecedora. Em seu primeiro capítulo, Han considera que a *sociedade do desempenho* é caracterizada pelo adoecimento neuronal, utilizando-se da metáfora do corpo. Diferente da sociedade moderna, cuja enfermidade teria

* Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestrando em Filosofia e especialista em Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Professor da Faculdade Brasileira Cristã (FBC), Serra (ES).

E-mail: gladsoncunha@gmail.com

** Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Multivix. Graduada em Administração pela Faculdade de Administração de Governador Valadares (FAGV).

E-mail: priscamcunha@gmail.com

origem bacteriana ou viral, isto é, a inserção de um elemento estranho ao corpo,

portanto, algo considerado negativo, a *sociedade do desempenho* seria marcada pelo autoadoecimento, causado por um excesso de positividade, interna, psicológica e neurologicamente absorvida. Trata-se de uma violência autoinfligida pelo próprio sujeito do desempenho (p.19).

No segundo capítulo, Han dialoga com Foucault e o conceito de sociedade disciplinar do filósofo francês. Para Han a sociedade do desempenho superou a disciplinar que se valia de muitos meios de fazer o sujeito obediente. Outra dinâmica disciplinar, que não mais opera na lógica estabelecida por Foucault, está em funcionamento. O poder “*poder*” é mais eficiente que o dever. Ainda que o dever não seja de todo cancelado pelo poder, a nova lógica operante é o da maximização da produção (p.25). A lógica do poder como ofertante de possibilidade dá ao sujeito do desempenho mais motivação. É o positivo que ordena, mas não como um feitor externo, mas internalizado. Aquela violência é sem qualquer sintoma.

Han, então, começa a demonstrar como essa violência impera no sujeito do desenvolvimento. O excesso do positivo se manifesta como estímulo, informações (p.31). A lógica da produção e a agilidade com a qual a produção deve acontecer impõe ao sujeito da sociedade do desempenho a busca frenética por maximizar o tempo e, conseqüentemente, a produção. Todas as demandas tanto as externas quanto as já internalizadas fazem com que esse sujeito, obcecado pelo seu sucesso, abandona um tempo dedicado aquilo que seria o “*ócio criativo*” (p.33). Dialogando com Walter Benjamin, Merleau-Ponty e Friedrich Nietzsche, Han demonstra que a falta não apenas do repouso, mas também aqueles processos contemplativos inerentes e próprios do ser humano, os quais viabilizaria não a produção, mas aquela criatividade própria da genialidade humana dera lugar a uma forma animalésca de vida que, apoiado em Nietzsche, está relacionado com a possibilidade de um estágio de barbárie regressar à sociedade.

No quarto capítulo, Han dialoga com Hannah Arendt e o conceito de *Vita Activa*, que, dito de maneira resumida, seria a transformação do ser humano numa massa passiva de *animais trabalhadores*, o que restringiria a isso toda a *ação*. Entretanto, segundo Han, o sujeito do desempenho é qualquer coisa, menos passivo (p.43). Esse sujeito tem posse do seu *eu*, O trabalho é para o sujeito do desempenho, que é como *homo sacer*, de Giorgio Agamben, que o ideal de perpetuação do *Ser*, diante da fatalidade que é a morte. Elevar-se para além do efêmero da vida etária, o sujeito desta nova sociedade. Para Han, o problema da sociedade do desempenho não é a *vita activa* tornada em trabalho, mas a perda de um horizonte contemplativo, o qual dava significado e sentido para a vida humana. Perdido essa dimensão da vida, sobra apenas o agir mecanizado, isto é, o trabalho.

Chegando ao quinto capítulo, uma espécie conversa entre os capítulos 3 e 4, Han retoma uma ideia de Nietzsche que propõe uma necessidade do aprendizado do ver, como dinâmica avaliadora da condição humana. Observando o trabalho como ação, e correlacionando a ideia desse agir e a liberdade do sujeito, por meio da qual quanto mais trabalho realizado mais livre se torna, o sujeito de Han pouco dado ao *ver* nietzschiano, encontra-se, a verdade, preso em uma ilusão. A solução, segundo Han, é uma parada e o simultâneo olhar para o outro (p.53). O outro, que é o negativo, é também uma interrupção capaz de fazer o sujeito do

desenvolvimento dimensionar a realidade. A interrupção é o tempo da necessário a qualquer avaliação. Inclusive, a interrupção é o momento para vasão da ira, que ao contrário, se torna irritação e adoecimento, sugere Han (pp.54-55). A ruptura com o negativo e o excesso do positivo, o qual se manifesta pela motivação do sujeito *haniano*, rompe o que é próprio da dialética da vida, segundo a interpretação de Hegel, feita por Han (p.57). Sem a pausa do negativo o ser humano se torna uma *máquina burra* (p.54). Apenas isso!

O “Caso de Bartleby”, que intitula o sexto capítulo, é um conto de Herman Melville (1819-1891), que apresenta a história de um escrivão de um escritório de advocacia em Wall Street, cuja marca é a frase: “*eu preferiria não fazer*”. As palavras de Bartleby expressam o seu esgotamento diante da vida, afinal: “*Todos os esforços em favor da vida levam à morte*” (p.66). Han diagnostica Bartleby como alguém faz a experiência de ser-para-a-morte de maneira negativa, incapaz de um olhar positivo para a existência devido seu cansaço. Cansaço que, aliás, é simbólico da atual experiência humana, colapsada em rotinas e atividades sem fim.

No sétimo capítulo, Han considera a capacidade de inversão de valores. O que era chamado de *doping*, cujo aspecto negativo ainda prevalece no meio esportivo, pode ser denominado de *melhoramento cognitivo* no atual estado da sociedade. O *doping* que se transforma em *melhoramento*. Nessa inversão, o cansaço se torna produtor de individualização e isolamento. O excesso do positivo *melhorado* produzirá, pensa Han, apenas um infarto da alma (p.71). Desta maneira, Han assume a perspectiva do cansaço de Handke, a ideia de “mais do menos eu”, um esvaziamento do si e uma abertura ao outro. O cansaço de Handke, segundo Han, surge como uma possibilidade existencial em que a serenidade e a ludicidade assumem como uma espécie de estado-de-ânimo que direciona e motiva a experiência do viver humano. É o contraponto ao cansaço-do-eu, coisa persistente na sociedade do desempenho. Assim, Han procura imaginar uma sociedade futura, que, apropriando-se do entendimento *handkeano*, seria uma “*sociedade do cansaço*”, uma religião imanente, uma “*sociedade pentecostal*”. Uma sociedade que é capaz de contemplar ao que está adiante, ao invés de seguir uma ininterrupta atividade.

Os Anexos funcionam como um oitavo capítulo na segunda edição e são compostos de um breve ensaio e do texto de uma conferência proferida por Han em 2015. O ensaio intitulado *Sociedade do esgotamento* (p.79ss) é uma análise da teoria freudiana do aparelho psíquico do ser humano à luz do sujeito da sociedade do desempenho. Han demonstra que o modelo da psique de Freud foi alterado pela modalidade da existência atual, de modo que a sociedade seria também pós-freudiana.

Já o texto da conferência é intitulado: *Tempo de Celebração: a festa num tempo sem celebração* (p.108ss). O que Han propõe é a necessidade da recuperação daquela dimensão espaço-temporal própria das celebrações festivo-religiosas. Segundo ele, as celebrações das festas religiosas é o que davam sentido a dinâmica do descanso. Porém, a dessacralização da realidade do mundo contemporâneo não elimina apenas a presença do divino no espaço humano, mas esvazia o tempo do significado festivo. Assumindo o lugar do divino, o tempo do trabalho se tornou totalitário, fazendo desaparecer a experiência do descanso

festivo. Consequentemente, admite Han, tudo gira em torno do trabalho, do lucro e do desempenho.

Algumas coisas precisam ser consideradas. A leitura que Byung-Chul Han faz da realidade ocidental é, por assim dizer, restrita. Óbvio que a sua leitura tem como ponto de partida regiões altamente desenvolvidas – Alemanha e Coreia do Sul – e, que por isso não reflete o todo da realidade do mundo. Entretanto, o que se pode minimamente verificar, com base na análise de Han é que, na transição da sociedade industrial dos países em desenvolvimento para uma sociedade desenvolvida, a sociedade do desempenho é o que a aguarda. Aliás, a um nível do senso comum, tal realidade já está sendo experienciada enquanto essa transição se realiza.

Do ponto de vista da ciência psicológica, Han não considera corretamente o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Embora, seja admissível um aumento nos diagnósticos de TDAH¹, esse transtorno nada tem a ver com a aceleração da vida humana ou seu esgotamento. Trata-se, antes, de um transtorno, conforme descrito do DSM 5-TR:

A desatenção se manifesta comportamentalmente no TDAH como desviar-se da tarefa, deixar de seguir instruções ou terminar trabalhos ou tarefas, ter dificuldade em manter o foco e ser desorganizado e não é atribuível a desafio ou falta de compreensão. [...] Em adultos, a hiperatividade pode se manifestar como extrema inquietação ou esgotar os outros com suas atividades. A impulsividade refere-se a ações precipitadas que ocorrem no momento sem premeditação, que podem ter potencial para prejudicar o indivíduo (por exemplo, sair correndo para a rua sem olhar). A impulsividade pode refletir um desejo de recompensas imediatas ou uma incapacidade de adiar a gratificação².

Muito diferente, entretanto, é o caso da Síndrome de Burnout, cuja relação com o trabalho é algo já determinado:

A síndrome de burnout é um processo iniciado com excessivos e prolongados níveis de estresse (tensão) no trabalho. [...] A exaustão emocional abrange sentimentos de desesperança, solidão, depressão, raiva, impaciência, irritabilidade, tensão, diminuição de empatia; sensação de baixa energia, fraqueza, preocupação; aumento da suscetibilidade para doenças, cefaléias, náuseas, tensão muscular, dor lombar ou cervical, distúrbios do sono. O distanciamento afetivo provoca a sensação de alienação em relação aos outros, sendo a presença destes muitas vezes desagradável e não desejada. Já a baixa realização profissional ou baixa satisfação com o trabalho pode ser descrita como uma sensação de que muito pouco tem sido alcançado e o que é realizado não tem valor³.

Neste sentido, numa perspectiva da psicologia, Han faz uma leitura correta

¹ Cf. CALIMAN, L.V. **A constituição sócio-médica do “Fato TDAH”**. In: *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 135-144, 2009, p.139. LACET C.; ROSA, M.D. **Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos**. In: *Psicologia Revista*. v.26, n.2, p.231-253, 2017.

² DSM-5-TR, p.70

³ Cf. TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. **Síndrome de Burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos**. In: *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(5), 223–233. (2007). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500004>. Acesso 14 de Agosto de 2022.

de um problema cada vez mais angustiante, que, embora tenha sido verificada a mais de quarenta anos, somente agora tem despertado a sociedade para uma preocupação com os efeitos do stress laboral não apenas sobre a vida psíquica do sujeito humano, mas também sobre as demais dimensões existenciais desse sujeito.

Por fim, é preciso se perguntar se Byung-Chul Han é um pessimista. Afinal, sua crítica parece deixar em suspenso qualquer possibilidade de fuga ou escape dessa malformada construção humana, que é a *Sociedade do Desempenho*. Apesar do aparente pessimismo, Han é o que é: um crítico. E como tal, cabe a ele apontar para o problema. Todavia, ele dá indicativos, delinea alternativas e demonstra possíveis saídas. Parece ser próprio da escrita de Han, com toda sua agilidade de construir ideias em frases curtas (algumas vezes parecendo que ficou algo para traz), toda discordância de um e outros dos seus debatedores, é também um indicativo dessas saídas. Esses sinais estão ali e acolá.

A grande questão, contudo, é se o sujeito do desempenho, que aprendeu a viver sem o negativo, o outro, o áspero, enfim, que almeja não ser contrariado ou sofrer ainda que pequenas espetadas estariam dispostas ao enfrentamento do que há de negativo na dura realidade da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, 5th ed. Text Revised. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing, 2022.

CALIMAN, L.V. **A constituição sócio-médica do “Fato TDAH”**. In: *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 135-144, 2009, p.139. LACET C.; ROSA, M.D. **Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos**. In: *Psicologia Revista*. v.26, n.2, p.231-253, 2017.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**, 2.ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2021. 128 pp.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. **Síndrome de Burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos**. In: *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(5), 223–233. (2007). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000500004>. Acesso 14 de Agosto de 2022.